



“Antenados, segurem essa onda”: Radioescola e educação na rede pública de Fortaleza

“Tuned, hold this wave”: Radio-school and education in public school in Fortaleza

Alexandre Barbalho

Universidade Estadual do Ceará

Universidade Federal do Ceará

Tarciana Campos

Universidade Federal do Ceará

Resumo

Este artigo analisa as repercussões da aproximação entre comunicação e educação no cotidiano dos estudantes em quatro escolas da rede pública da cidade de Fortaleza (Ceará), os quais participaram do projeto “Rádio-escola pela Educação”, produzindo o programa radiofônico Antenados. A partir da avaliação de documentos oficiais, composta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e pelos Projetos Político-Pedagógicos das escolas, a pesquisa objetiva contribuir para a análise do potencial dos recursos da comunicação como processos educativos, na medida em que propiciam práticas culturais e formas de expressão, conforme percebem as autoras Alves e Machado (2006). Para tanto, o trabalho de campo utilizou as seguintes metodologias e técnicas de pesquisa: diário de campo, entrevistas, rodas de conversa, escuta coletiva dos programas de rádio e análise documental.

Palavras-chave: Radioescola. Educação. Comunicação.

Abstract

This article analyzes the implications of the rapprochement between education and communication in everyday life of students in four public schools in Fortaleza (Ceará) that participated in the project “Radio-school for education”, producing the radio program Antenados. From the review of official documents, composed by the National Curriculum Parameters and by the school’s Political Pedagogical Projects, the research aims to contribute to the analysis of the communication potential as educational process, to the extent that it promotes cultural practices and forms of expression, as the authors Alves and Machado (2006) perceive. To this end, the field work has used the following methodologies and research techniques: field journal, interviews, discussion meetings, collective listening of radio programs, and documentary analysis.

Keywords: Radio-school. Education. Communication.



Um dos projetos da Organização Não Governamental (ONG) Catavento Comunicação e Educação¹ é o “Segura essa Onda: Rádio-escola na Gestão Sociocultural da Aprendizagem”, desenvolvido desde 2003, tanto em cidades do interior do Ceará como na capital Fortaleza. De acordo com a ONG, o projeto incentiva a utilização do rádio como instrumento de apoio pedagógico e dinamizador da cultura na comunidade escolar.² Conforme Patrício (2010), entre 2003 e 2009, o projeto esteve presente em 34 escolas públicas de Fortaleza, além de ter funcionado na sede da Associação Curumins, ONG que, na época, atendia crianças e adolescentes do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti). Além da capital, o projeto funcionou nas cidades de Crateús, Quixadá, Trairi, Paramoti e nos assentamentos Feijão, em Choró, e Santana, em Monsenhor Tabosa.

A operacionalização do “Segura Essa Onda” consiste na mediação de oficinas por uma equipe constituída por profissionais e estagiários tanto da área da comunicação como da pedagogia. As oficinas têm uma média de duração de nove meses, nas quais são discutidos conteúdos mais gerais, tais como comunicação como expressão humana e análise crítica dos meios de comunicação, além de temas mais específicos referentes às técnicas radiofônicas. As últimas oficinas são destinadas a discussões sobre a gestão da radioescola no cotidiano escolar e da comunidade. Algumas edições do projeto partem da demanda de instituições que já têm equipamentos de rádio ou acesso a estúdios, mas precisam de apoio para a operacionalização da técnica. Outras edições preveem desde a compra de equipamentos para instalação nas escolas até a realização das oficinas³.

Em virtude das reedições do projeto, a ONG Catavento passa a organizar seminários periódicos de avaliação como forma de otimizar as atividades bem-sucedidas, além de apontar deficiências e reorientar ações. Por meio dos seminários, avalia-se, por exemplo, a importância de o processo de oficinas envolver as educadoras e educadores das escolas, além de estudantes, e a urgência da instalação dos equipamentos concomitante às oficinas ou, mesmo, antes do início delas. Cada seminário marca uma ampla tentativa de aperfeiçoar cada um desses processos, seja na formação de professores, seja na instalação dos equipamentos e demais desafios que surgem ao longo das edições do “Segura Essa Onda”.

Particularmente em Fortaleza, a Catavento consolidou uma interlocução com a Secretaria Municipal de Educação (SME), de modo que a



primeira se preocupava com formas de fortalecer a atuação das radioescolas e a segunda em fortalecer, nas escolas, os temas transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)⁴. Em 2008, articulando os interesses das duas instituições, nasceu o projeto “Rádio-escola pela Educação” com o objetivo de produzir programas de rádio sobre os temas transversais por grupos de estudantes e educadores das quatro escolas públicas de Fortaleza participantes das oficinas do “Segura Essa Onda”. Os estudantes intitularam o programa Antenados, que passou a ser veiculado às 13h30 dos sábados pela Rádio Universitária FM, ligada à Universidade Federal do Ceará.

Nas ocasiões de produção do Antenados, uma pedagoga, uma jornalista e uma estagiária de Comunicação Social da ONG deslocam-se para as escolas para a realização de reuniões de pauta. Nessas reuniões, ocorre a definição do tema específico do programa e do conteúdo de cada bloco. A cada semana, a reunião ocorre em uma escola diferente. Os estudantes que querem participar do projeto partem para a produção, que consiste na pesquisa sobre o tema – em geral, na internet, em livros ou revistas –, na gravação de entrevistas com a comunidade escolar ou no entorno da escola e na escrita dos roteiros. O envolvimento de educadores varia de escola para escola, sendo mais intenso em umas que em outras.

Quando concluídos, os roteiros são revisados pela equipe da Catavento, que envia para as escolas as sugestões. A revisão consiste na leitura do material por parte de profissionais das áreas da educação e da comunicação. As análises das alterações indicam que, enquanto os primeiros observam questões textuais (correção ortográfica, sintaxe e concordância), os demais observam questões relacionadas ao campo comunicacional (clareza da mensagem, correção das informações, adequação à linguagem radiofônica – frases curtas e na ordem direta). A soma dos dois olhares, durante a revisão, objetiva ainda potencializar a dimensão educativa dos processos de produção e dos conteúdos dos Antenados, tanto entre os produtores como entre aqueles que ouvirão os programas. As sugestões de alteração são comentadas e reenviadas para as escolas. Em momentos de encontros entre os grupos, as principais alterações são discutidas e avaliadas.

Finalizada a revisão dos roteiros, é chegada a hora da gravação no estúdio da ONG. Durante o percurso de estudantes e professores entre escola e estúdio, o roteiro que estimula a percorrer o trajeto é o do programa. Em uma das idas às gravações, uma professora registra que meninas e meninos foram



cantando da escola até a Catavento um rap de composição deles próprios contra a exploração do trabalho infantil. No refrão da letra, repetiam constantemente o número telefônico para denúncias⁵.

Gravadas as locuções e finalizada a edição, que corta os erros de locução e insere as músicas sugeridas pelos grupos produtores, uma cópia do programa é enviada para a Rádio Universitária. Vozes, sons e discursos apresentam-se durante a veiculação dos programas, originando reações as mais diversas entre os sujeitos envolvidos. Nas observações do campo de pesquisa, acompanhamos desde a menina que discute frequentemente com a mãe, entrando também as atividades de produção radiofônica em meio aos conflitos: – Sua mãe já te ouviu no programa na rádio? – perguntamos. “Ah, ela nem liga”. Até a outra menina que diz que o pai mobiliza toda a família para escutar o programa⁶.

Sinalizadas ou não, funcionando ou não, tendo lugar de destaque nos espaços ou não, as radioescolas, bem como as cenas e os sons que se desenrolam junto a elas, são os elementos que orientam nosso olhar em visitas às quatro escolas. Também os processos de produção dos programas Antenados, decorrentes das experiências desenvolvidas nas radioescolas, fazem parte de nossa observação.

As várias referências que os PCNs fazem à comunicação indica a importância e os desafios de se pensar esse campo em relação à educação e à escola. As orientações do documento trazem o mérito de provocar ações de aproximação entre comunicação e educação, para além de posturas de mera “[...] culpabilização da mídia pela má formação da infância e da juventude, pela exposição precoce à sexualidade, pela espetacularização da violência [...]” (MIRANDA; SAMPAIO; LIMA, 2009, p. 93). Portanto, pensamos ser necessária a escuta dos estudantes e a tentativa de compreensão dos sentidos que conferem aos processos comunicativos. Tais dimensões representariam relevantes ampliações do sentido educativo da comunicação, uma vez que permitem perceber que há questões mais importantes do que orientar estudantes visando assumir posturas de precaução com relação à mídia.

A escuta do que jovens estudantes têm a dizer a respeito da forma como experimentam os processos comunicativos, bem como sobre sua participação efetiva nesses processos pode possibilitar uma visão mais clara do modo como a comunicação influencia na subjetivação dos sujeitos. Além disso,



ir além da concepção de que os jovens devem ser orientados para compreender o teor ideológico de mensagens que os “deseducam” abre espaço para percebermos formas de resistência que podem estar operando cotidianamente. Conforme apontam Miranda, Sampaio e Lima:

Tanto a escola quanto a mídia atuam no campo da subjetivação, pois buscam estabelecer uma ingerência sobre a relação do sujeito consigo mesmo. Assim, da mesma forma que historicamente a escola se constituiu como espaço de disciplinarização e de resistência, os modos de subjetivação presentes na relação com a mídia também se encontram marcados por estes lugares. (MIRANDA; SAMPAIO; LIMA, 2009, p. 97).

○ que propomos, neste artigo, é analisar as repercussões da aproximação entre comunicação e educação no cotidiano dos estudantes nas quatro escolas da rede pública de Fortaleza que participaram inicialmente das oficinas do “Segura essa Onda” e, posteriormente, do “Rádio-escola pela Educação”, produzindo o Antenados.

○ trabalho de campo, realizado durante o mestrado, ocorreu entre outubro de 2009 e dezembro de 2010, e utilizou fontes e técnicas de pesquisa como diário de campo, entrevistas, rodas de conversa, escuta coletiva dos programas de rádio, análise documental, entre outras⁷. As escolas não estão nomeadas e os estudantes, sujeitos da pesquisa, tiveram seus nomes trocados por personagens da obra de Lygia Fagundes Telles, como forma de preservar suas identidades. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Ceará.

1. Sobre PCNs, ONGs e a comunidade escolar

Antes de observarmos o cotidiano dos estudantes em torno do programa Antenados, é importante situarmos como os PCNs sustentam a relação que o projeto “Rádio-escola pela Educação” estabelece com a comunidade que se situa para além dos muros da escola.

Em toda a sua extensão, os PCNs trazem concepções sobre os meios de comunicação e indicam atividades que a escola pode adotar. Nessa perspectiva, a escola exerce importante papel na promoção de análises críticas da mídia: “[...] discutir sobre o que veiculam jornais, revistas, livros, fotos,



propagandas ou programas de TV trará à tona suas mensagens – implícitas ou explícitas – sobre valores e papéis sociais.” (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p. 37).

Também a produção de comunicação é abordada nos PCNs, mas de forma instrumental e como resultante de projetos que organizem o trabalho didático. Segundo o documento,

[...] os projetos podem se desenvolver em torno deles (dos temas transversais) e ser direcionados para metas objetivas, com a produção de algo que sirva como instrumento de intervenção nas situações reais (como um jornal, por exemplo). (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p. 41).

Além disso, a comunicação é pensada de acordo com cada um dos temas transversais (ética; saúde; meio ambiente; pluralidade cultural; orientação sexual; trabalho e consumo).

Na abordagem do tema “ética”, os meios de comunicação são citados, ao lado da escola, família e convivência com outras pessoas, como influenciadores do comportamento dos sujeitos.

162

Em especial, com relação ao tema “diversidade cultural”, o documento desenvolve uma concepção de que os meios de comunicação assumem um papel fundamental voltado para a valorização da pluralidade, o qual deve ser explorado nas práticas didáticas. A principal orientação do documento diz respeito a provocar a produção dos estudantes em publicações especializadas e também em recursos de comunicação disponíveis na comunidade.

Em referência aos meios de comunicação e à troca de informações sobre o tema “meio ambiente”, os PCNs destacam a urgência de mediação dos educadores na análise crítica dos conteúdos, uma vez que identificam abordagens superficiais, incompletas e incorretas.

Com relação à “orientação sexual”, há propostas especificamente relacionadas à mídia, porém destacando aspectos negativos. Mais uma vez, os PCNs desenvolvem uma concepção do papel da mídia como influenciadora de determinados comportamentos e opiniões. Além disso, o documento critica a abordagem da sexualidade como objeto de consumo. Por tais fatores, os PCNs apontam a necessidade de análise crítica dos conteúdos. De acordo com o documento,



[...] ela [mídia] veicula imagens eróticas, que estimulam crianças e adolescentes, incrementando a ansiedade e alimentando fantasias sexuais. Também informa, veicula campanhas educativas, que nem sempre são dirigidas e adequadas a esse público. Muitas vezes também moraliza e reforça preconceitos. Ao ser elaborada por crianças e adolescentes, essa mescla de mensagens pode acabar produzindo conceitos e explicações tanto errôneos quanto fantasiosos. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p. 292).

Já ao longo do desenvolvimento do tema “trabalho e consumo”, os PCNs orientam que um bloco de conteúdo seja elaborado pela escola para a abordagem específica da “[...] análise do impacto dos meios de comunicação na vida cotidiana.” (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p. 391). Nesse sentido, não só são sugeridas discussões que dizem respeito ao tema transversal em si, por exemplo, a análise crítica de conteúdos publicitários que incentivam o consumo, como também há orientações para o desenvolvimento de estudos específicos sobre os meios de comunicação, tais como a investigação das tecnologias desenvolvidas para o funcionamento dos diferentes meios de comunicação e a recuperação das dimensões históricas, como a chegada do rádio e da TV no Brasil.

Entendemos que as orientações do documento, apesar de balizadoras, são incapazes de conformar como expresso no texto oficial todas as atividades escolares e ações dos professores. Dessa forma, diante dos parâmetros definidos, é possível que algumas orientações sejam ignoradas ou reduzidas ao longo das práticas cotidianas. Mas também há a possibilidade de ampliação das diretrizes propostas, em direção as quais acreditamos que os estudos sobre a comunicação em relação à educação podem contribuir. Assim é que Miranda, Sampaio e Lima instigam a compreender a comunicação, “[...] valorizando o modo como crianças e jovens significam aquilo que vêem, escutam ou lêem fora dos muros escolares.” (MIRANDA; SAMPAIO; LIMA, 2009, p. 93).

Por sua vez, na análise dos PNCs, percebemos que eles incentivam a aproximação entre a escola, os movimentos e as organizações da sociedade civil, como ONGs, com o objetivo de ampliar os processos educativos, inclusive, diante de práticas comunicativas.

Devemos lembrar que, a partir dos anos 1970, a rearticulação de movimentos sociais, que se consolidaram de maneira mais intensa nas décadas



seguintes, possibilitou o desenvolvimento de organização de rádios que, como descreve Márcia Vidal Nunes, se caracterizavam “[...] pela participação popular em sua administração, na elaboração da programação e na pluralidade cultural, representando, assim, as mais diversas tendências presentes num grupo social.” (NUNES, 2007, p. 95).

Para Peruzzo (2007), os processos envolvidos no fazer uma rádio comunitária têm a potencialidade de proporcionar, para além da educação formal, uma educação informal – adquirida no dia a dia em processo não organizado – e uma educação não formal – formação estruturada que pode levar a uma certificação. Nesse sentido, a participação dos sujeitos no planejamento e gestão de comunicação é fundamental para que processos de educação informal e não formal somem-se à educação formal. Conforme a autora,

Aprende-se também por intermédio dos meios de comunicação, na vivência cotidiana, nos relacionamentos sociais, nas reuniões das equipes, nas práticas comunicativas no âmbito da comunicação comunitária, nas oficinas visando melhoria do trabalho do rádio popular. (PERUZZO, 2007, p. 83).

164

Nesse contexto, os PCNs legitimam a atuação dos movimentos sociais, pois os consideram forças que contribuem para a ampliação da concepção de cidadania, ao estimular o reconhecimento da existência de desigualdades sociais, a articulação em torno da superação dessas desigualdades e a ampliação de formas de participação social. O documento descreve o contexto atual como um momento em que:

Novos atores, novos direitos, novas mediações e novas instituições redefinem o espaço das práticas cidadãs, propondo o desafio da superação da marcante desigualdade social e econômica da sociedade brasileira, com sua consequência de exclusão de grande parte da população na participação dos direitos e deveres. Trata-se de uma noção de cidadania ativa, que tem como ponto de partida a compreensão do cidadão como portador de direitos e deveres, além de considerá-lo criador de direitos, condições que lhe possibilitam participar da gestão pública. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p. 20).

Portanto, os PCNs apontam para uma ampliação no âmbito dos direitos reivindicados, além de abordar a dimensão do cidadão como aquele que



se reconhece como detentor e formulador de direitos. O cenário apresentado é de redefinição de questões, o que possibilita o debate em torno de discussões que não eram, antes, travadas sistematicamente nas escolas, tais como direitos humanos, culturais e ambientais.

Ademais, ao abordarem o tema transversal pluralidade cultural, os PCNs ressaltam a importância de a escola manter um intercâmbio com movimentos sociais como forma de acompanhar a dinâmica de discussões em torno do tema. Os movimentos são apresentados como fontes de conhecimento sobre a pluralidade cultural e têm ainda o mérito de ampliar o universo escolar.

Se os PCNs legitimam a aproximação entre escola e movimentos sociais numa perspectiva mais ampla, o documento refere-se às ONGs de forma mais específica ao abordar o tema meio ambiente. Assim, a orientação sugerida às escolas é a de: "Acompanhamento das atividades das ONG's ou de outros tipos de organizações da sociedade que atuam ativamente no debate e encaminhamento das questões ambientais." (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p. 205).

Nesse sentido, podemos considerar os PCNs – para além da sua dimensão de estabelecimento de diretrizes para a educação – como forma de registro situado num determinado contexto histórico em que movimentos e organizações da sociedade civil exercem forte influência.

Sabemos, contudo, que essas relações não são simples, pois, muitas vezes, implicam a falta de compromisso do poder público com as suas funções e obrigações, na medida em que são "terceirizadas" para as organizações não-governamentais. Evelina Dagnino situa a dubiedade e a complexidade desse movimento:

Construir o controle público da sociedade sobre o Estado, sem desconstruir o Estado, é um objetivo permeado de dificuldades e tensões tanto para o poder público como para a sociedade organizada que participa destas relações. A construção desses espaços de gestão e implementação de políticas, que podem ser públicos sem ser estatais, a relação com ONGs e movimentos, com sua lógica menos burocratizada, é um desafio que, apesar das dificuldades, contribui para 'oxigenar o aparato estatal' e para uma 'reinvenção do Estado.' (DAGNINO, 2001, p. 97).



Na avaliação de Dagnino, as dificuldades de movimentos sociais e organizações da sociedade civil estão relacionadas com a sua necessidade de lidar com o difícil aprendizado da gestão pública. Esse aprendizado se dá em um cenário marcado por tensões e contradições que acentuam problemas, tais como “[...] indefinição de regras, inadequação da burocracia estatal para a relação com grupos comunitários, falta de capacitação gerencial por parte dos movimentos, fragilidade de uma cultura de gestão da coisa pública.” (DAGNINO, 2001, p. 96). Apesar de tais dificuldades, a autora reconhece que a busca de equilíbrio entre a atuação do Estado, dos movimentos e organizações da sociedade civil nos coloca diante da possibilidade de construção de espaços públicos com potencial de efetivar o processo democrático brasileiro.

A análise de Dagnino possibilita-nos perceber a complexidade das relações entre Estado e ONGs, o que é fundamental para compreendermos algumas das condições de ação dessas últimas nas escolas públicas. Conforme lembra Camba (2004, p. 14) “[...] tem-se verificado que existe um grande incentivo do próprio Estado em aprofundar a relação entre as escolas públicas e as ONGs.” Interação que tem chamado a atenção também do mercado, de empresas privadas interessadas em uma atuação com “responsabilidade social”.

166

Portanto, os documentos oficiais da educação legitimam e estimulam as aproximações entre escolas, movimentos sociais e ONGs, mas também de algumas empresas que financiam ações, tornando complexas as relações entre educação e comunicação nas escolas.

Mas como se dá a repercussão desse cenário nas escolas analisadas na pesquisa? Buscaremos responder a essa questão tomando a análise documental dos Projetos Político-Pedagógicos (PPPs) das escolas. Essa análise permitirá nos aproximarmos do cotidiano das escolas públicas que fazem parte desta pesquisa.

2. Projetos político-pedagógicos: presenças e ausências de propostas em comunicação em três das escolas

Tivemos acesso a cópias dos PPPs de duas das quatro escolas. Uma terceira escola, apesar de não permitir a fotocópia de seu projeto político-pedagógico, autorizou a cópia manuscrita de trechos do documento. Em uma



quarta escola, não obtivemos acesso ao PPP, pois o documento estava emprestado a um dos professores da escola.

O primeiro projeto político-pedagógico analisado foi elaborado em 2004. O documento aborda a questão da comunicação na escola a partir de atividades consideradas alternativas, que se desenvolvem fora do horário das aulas. Nesse sentido, a comunicação se manifesta por meio da música, da dança (break, rap), das artes e do teatro. O documento não faz referência à radioescola, apesar de contar com uma.

O segundo projeto político-pedagógico analisado também foi formulado em 2004. Em vários pontos, o PPP aborda a questão da comunicação, em especial, como demanda e objetivo a ser alcançado. Faz-se referência à temática entre as principais necessidades da escola a partir das solicitações de mais computadores; de maior divulgação dos acontecimentos na escola e de instalação de caixas de som nas salas de aula.

O terceiro projeto político-pedagógico analisado é o que deixa mais evidente os planejamentos e propostas pedagógicas da escola com relação tanto à comunicação de uma forma geral como à radioescola. Mais atualizado que os demais PPPs estudados, este foi elaborado em março de 2009.

A relação entre comunicação e educação é apontada como relevante até mesmo para a fundação da escola. Conforme o documento analisado, um dos fatos que distinguem a sua fundação foi ter sido contemplada com um sistema de tele-ensino pela TV Ceará.

O critério de distinção, ligado à comunicação, permeia os projetos atualmente desenvolvidos nessa escola, os quais envolvem a internet, os jornais escolares e o rádio. Segundo o Projeto Político-Pedagógico, para o desenvolvimento das ações, há parceria com órgãos governamentais e não-governamentais. Portanto, são apontados os seguintes projetos, apoiados tanto pelo Estado como por ONGs:

- Rede Interativa Virtual de Educação (Rived) – Tem por objetivo “desenvolver o raciocínio lógico e o pensamento crítico através de objetos de aprendizagem”. Esses objetos de aprendizagem são constituídos por atividades multimídias.
- Projeto “Identidade Cultural” – Traz como objetivo “criar condições para que o aluno se aproprie da cidade e do bairro onde vive”, a partir



de “exibição de vídeos, pesquisa na Internet e com pessoas do bairro, aula de campo”.

- “Trama” – Tem como objetivo “introduzir jovens no universo de produção de arte contemporânea”.
- “Peteca (Programa de Educação para o Combate à Exploração do Trabalho da Criança e do Adolescente)” – Objetiva “formar profissionais, estudantes e sua família sobre o tema erradicação do trabalho infantil”.
- Projeto “Fala Escola” – Tem como objetivo “estimular a leitura e a escrita” a partir da “produção de textos para serem publicados no jornal da escola”.

Ainda com relação aos projetos atuantes na escola, destacamos o “Programa Mais Educação”⁸, organizado a partir de tabelas com escalas de horários e monitores de segunda a sexta em turnos da manhã e tarde. Conforme o PPP, esse programa tem como principal objetivo ampliar o tempo e espaço do aluno na escola, além de melhorar a relação entre escola e comunidade. As atividades desenvolvidas compreendem letramento, teatro, matemática, xadrez, handball. Destacamos esse programa, uma vez que, além dessas atividades, a ação oferecida como rádio escolar pelo “Mais Educação” também foi uma opção da escola.

Com relação especificamente ao projeto “Rádio Escola”, observamos dados relevantes presentes no PPP. O principal objetivo do projeto é proporcionar atividades que favoreçam a transdisciplinaridade, nas quais os alunos sejam protagonistas das ações, estimulando a criatividade e autoestima. Na busca de tal objetivo, a orientação é no sentido de que as ações proporcionem a divulgação de cultura, de projetos e de notícias, através de programa de rádio exibido na hora do recreio. Como resultado das ações na radioescola, o projeto apresenta como meta o envolvimento mais efetivo entre professores, estudantes e funcionários, além da diminuição da violência durante o recreio.

Além de especificar os objetivos de cada projeto atuante na escola, o PPP possibilita identificar tanto aspectos positivos como dificuldades enfrentadas na instituição de forma mais geral.

Diante da análise dos PPPs, observamos a ausência de referências às radioescolas, apesar das atividades ocorrerem, o que remete ao não acompanhamento do registro por escrito em planos e projetos da escola em relação às



práticas desenvolvidas. Presente em um único projeto pedagógico, a proposta de atividade com a rádio enfoca a questão da violência entre os estudantes, em especial, na hora do recreio; uma dimensão de aproximação entre estudantes e professores e aborda a intenção de contribuir para a autoestima de meninas e meninos.

Feita essa contextualização, podemos entrar no universo de uma dessas experiências, o projeto “Rádio-escola pela Educação” e o programa radiofônico Antenados.

3. Pensando o entre-campo da comunicação e da educação

Começar do zero. Tal era o desafio que o grupo de cinco estudantes, uma professora da escola e três integrantes da equipe da ONG Catavento precisavam superar na reunião de pauta para a discussão de como seria o primeiro programa Antenados a ir ao ar na Rádio Universitária FM.

O que falar no primeiro Antenados era uma das indagações colocadas. Uma das estudantes relatou a sugestão dada pela professora de que o programa dialogasse sobre o meio ambiente, com foco na utilização da água. Restava saber se havia interesse por parte do grupo de estudantes em produzir o primeiro programa sobre a temática sugerida. Diante da argumentação dos jovens em favor do tema, a sugestão da professora foi acolhida.

Escolhido o tema, mais duas questões foram colocadas pela equipe de mediação da Catavento: uma vez que se tratava do primeiro programa, como os ouvintes entenderiam quem estava envolvido naquela produção e sobre o que fariam ao longo da programação? Como resultado dessas discussões, uma estrutura do roteiro começou a ser esboçada. O primeiro bloco, então, seria a apresentação dos estudantes e educadores responsáveis pela produção. O segundo bloco explicaria o conteúdo geral dos programas e o terceiro inauguraria a abordagem do tema meio ambiente. Finalizada a reunião, cabia à equipe da escola se reencontrar para a escrita do roteiro. Havia um desafio colocado: produzir, seguindo prazos rigorosos para a veiculação na rádio, um roteiro de programa radiofônico com tempo de duração de 30 minutos.

Dois estudantes responsabilizaram-se pelo primeiro bloco, em que fariam uma apresentação da equipe de produção do Antenados. Analisando a primeira versão do roteiro elaborado pelos estudantes, percebemos a



brevidade do texto. A partir da mediação da ONG na revisão, os textos foram sendo ampliados. Portanto, é, ao longo do processo de produção, que os estudantes vão se apoderando do projeto e da linguagem radiofônica. Ao final, uma segunda versão do roteiro foi elaborada:

LOC. 1: Mas o que você acha de nós falarmos um pouco da nossa história?

LOC. 2: Acho ótimo, mas por onde vamos começar?

LOC. 1: Que tal começar dizendo que nós somos alunos da Escola "D", e, assim como nós, existem mais três escolas participando da criação desse programa. Nós fazemos parte do projeto 'Rádio-escola pela educação', realizado pela ONG Catavento Comunicação e Educação, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação.

LOC. 2: Mas quais são as outras escolas que estão participando com vocês?

LOC. 1: São as Escolas "A", "B" e "C". Os estudantes de cada uma dessas escolas também vão veicular programas criados por eles mesmos⁹.

Após a apresentação da equipe responsável, inicia-se o segundo bloco, em que há explicações sobre o conteúdo do Antenados. Como estava previsto no projeto "Rádio-escola pela Educação" que os programas deveriam abordar os temas transversais da educação, os estudantes desenvolveram o bloco visando esclarecer para os ouvintes o que são esses temas.

O processo de produção revela algumas das potencialidades da comunicação, e, em especial, do rádio, para a educação. As jovens produtoras, bem como a educadora e a equipe da ONG foram compreendendo mais detalhes do que são os temas transversais enquanto elaboravam o programa. A pesquisa dos estudantes possibilitava o exercício de interpretação e reescrita em forma de roteiro. Além disso, a característica da oralidade radiofônica



permitia aos estudantes saber mais sobre os assuntos a partir de conversas com sujeitos da comunidade escolar e da gravação de entrevistas.

A análise da primeira versão do roteiro elaborado pelas jovens nos permite perceber seu esforço na fase de pesquisa, como demonstra a consistência das informações presentes no roteiro. O compromisso assumido pelos estudantes em elaborar roteiros, reportagens e entrevistas sobre os temas transversais cria, portanto, outros sentidos e finalidades para a compreensão dos assuntos, para além de responder a questões de uma prova, por exemplo. Dessa forma, a proposta de produção radiofônica confere “[...] sentido social a procedimentos e conceitos próprios das áreas convencionais, superando assim o aprender apenas pela necessidade escolar de ‘passar de ano’.” (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p. 30).

Realizadas essas reelaborações do roteiro, os estudantes continuavam em contato com o texto produzido para ensaiar as respectivas locuções. Durante os ensaios, ainda alguns ajustes textuais eram feitos. Gravadas as locuções, a expectativa dos estudantes era pela veiculação do programa, pela escuta de suas vozes e pelo resultado final da produção. Alguns dos programas, além de veiculados na Rádio Universitária, foram veiculados diretamente para a comunidade escolar em algumas das radioescolas.

Conforme Soares, os processos relacionados às radioescolas envolvem pensar em princípios de conexão entre comunicação e educação. Para o autor, esses princípios orientam a interface entre os dois campos da seguinte forma:

Não se trata, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas que a própria comunicação se converta no eixo vertebrador dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação. Dentro desta perspectiva da comunicação educativa como relação e não como objeto, os meios são ressituidos a partir de um projeto pedagógico mais amplo. (SOARES, 2000, p. 20).

Nesse sentido, Alves e Machado (2006) situam que inserir recursos da comunicação e da informação no ambiente educativo abre possibilidades para sua utilização como instrumentos didáticos (tecnologias educativas) ou como objetos de análise, a partir, por exemplo, de atividades de leitura crítica dos meios. Porém, as autoras indicam que o potencial desses processos de



inserção se mostra, especialmente, em um terceiro fator: quando propiciam meios de expressão e de produção de práticas culturais.

A prática do Antenados situa-se nessa terceira dimensão em que o cotidiano de produção e expressão por meio dos programas da radioescola é ele próprio parte do processo educativo. E como se expressam os alunos e as alunas das quatro escolas públicas de Fortaleza?

4. Palavras: soluções de histórias mudas

Michel de Certeau imagina a figura de um leitor desenvolvendo uma produção silenciosa, caracterizada pela reapropriação do texto do outro. "Astúcia, metáfora, combinatória, esta produção é igualmente uma 'invenção' de memória. Faz das palavras as soluções de histórias mudas." (CERTEAU, 2009, p. 48).

Para Certeau, em um ato como o da leitura, por exemplo, as figuras autor/leitor mesclam-se todo o tempo. Além disso, na mesma direção de Jesus Martin-Barbero (2002), o autor francês percebe o mundo contemporâneo como espaço onde a leitura é estimulada em um sentido amplo, de tal forma que "[...] a nossa sociedade canceriza a vista, mede toda a realidade por sua capacidade de mostrar ou de se mostrar e transforma as comunicações em viagens do olhar." (CERTEAU, 2009, p. 47). Mas tais leituras, longe da passividade, envolvem um intenso processo de produção.

Tocados e inspirados pela ideia de palavras como soluções de histórias mudas, buscamos pensar essa expressão em relação ao cotidiano dos jovens nas radioescolas. Observamos que, se em momentos em que assistimos à televisão ou escutamos o rádio, imbricam-se processos de silêncio, mas também de atividade, o que podemos dizer de experiências em que os sujeitos dizem sua palavra de forma amplificada pelo rádio? Portanto, o pensamento de Certeau nos permite perceber que a interação com a palavra do outro possibilita processos de intensa atividade, mesmo no silêncio. Mas interpretamos a ideia do autor para além de tal aspecto, pois entendemos que aprender a expressar a nossa palavra é uma forma de amplificar o som de nossa história, compartilhando-a entre nós e os outros. Afinal, o que seria mesmo esse texto se não esse exercício?



Diante dessas questões, em que medida a radioescola potencializa a vontade dos jovens sujeitos de dizer sua própria palavra, conferindo-lhes poder de expressão? Para tratar de assuntos como esse, bem como investigar que experiências e práticas foram vividas no cotidiano da radioescola, optamos pela realização de rodas de conversa exclusivamente com os jovens estudantes. Além disso, as rodas puderam contribuir para a identificação do que mobiliza o desejo dos estudantes de participar das radioescolas e da produção do programa Antenados.

Por conta da importância das práticas cotidianas na perspectiva de Certeau, sua proposta teórica fundamenta-se em um deslocamento de enfoque do “[...] consumo supostamente passivo dos produtos recebidos para a criação anônima, nascida da prática do desvio no uso desses produtos.” (GIARD, 2009, p. 12). O consumo passa a ser concebido como forma de fazer, forma de praticar. Para chegar a tal concepção, o olhar do autor volta-se para o micro. De acordo com Giard,

Certeau sempre discerne um movimento browniano de microrresistências, as quais fundam por sua vez microliberdades, mobilizam recursos insuspeitos, e assim deslocam as fronteiras verdadeiras da dominação dos poderes sobre a multidão anônima. (GIARD, 2009, p. 17).

173

Diante dessa perspectiva teórica com enfoque nas práticas, um dos fatores que as rodas de conversa nos possibilitou investigar foi a compreensão do que é uma radioescola na concepção dos jovens sujeitos desta pesquisa. A questão proposta indagava: Se vocês fossem autores de um dicionário, o que escreveriam sobre a palavra radioescola? A intenção era perceber que palavras os estudantes associavam à rádio.

Lia, uma das estudantes, que, atualmente, cursa o ensino técnico, diferenciou a rádio como potencial expressivo de um meio de comunicação. Percebemos na fala da estudante o uso da expressão “meio de comunicação” com toda uma carga pejorativa e o desenvolvimento de uma crítica ao caráter instrumental da comunicação. Para ela, a radioescola investigada, nesta pesquisa, é reconhecida como uma rádio de fato, ou seja, proporciona aos estudantes espaços de educação, que formam sua subjetividade, e de expressão. Segundo a estudante:



Aqui nessa escola [escola pública fundamental onde estudava] é mesmo uma rádio. Onde estudo agora [escola de nível técnico] aquilo ali não é uma rádio, é só um meio de comunicação. Só serve para passar propagandas do Diretório Central dos Estudantes. Não tem espaço para a formação, a nossa expressão e falar de temas transversais. (LIA, 2010).

Portanto, mesmo que eventualmente a rádio veicule assuntos que dizem respeito aos estudantes por abordar questões que partem do Diretório Central dos Estudantes, a ausência de fala e escuta dos demais faz com que a comunicação não seja legitimada.

Em outra roda de conversa, a radioescola também foi definida como potencial expressivo. No entanto, a rádio investigada não era reconhecida como espaço onde esse potencial poderia ser efetivado. Esse potencial só se efetivou na experiência de produção do Antenados, mediada pela ONG Catavento e pelos estudantes. Em tal experiência, o corpo docente da escola pouco interferiu. Além disso, ao mudarem de instituição de ensino, os estudantes perceberam-se mais reconhecidos pelo olhar dos outros por conta da vivência anterior na radioescola. O diálogo entre Ana Luísa e Gabriel destaca essas questões:

– Rádio na escola é comunicação na escola. [...] É uma forma de expressar opinião, porque aqui [na escola onde está instalada a rádio] a gente não podia expressar aquilo que a gente pensava, a gente só veio poder quando entrou no Antenados. Lá na escola [onde estudam atualmente] já é diferente, eles não têm programação, é só música.

– Pois é... Mas lá no outro colégio eles valorizam mais a gente que o próprio colégio aqui. 'Poxa, vocês são da rádio!' Eles pedem para a gente ajudar. (ANA LUÍSA; GABRIEL, 2010).

Já, para Lorena, a radioescola é concebida no âmbito da complexidade das atividades de produção e da persistência no desenvolvimento dos conteúdos. Esses elementos apontam o comprometimento com que a estudante se envolvia nas atividades, ao descrever a rádio da seguinte forma:

Superar desafios. Tem coisa assim que a gente pensava, por exemplo, vamos fazer uma entrevista ou um radioteatro... Para a gente



era um bicho de sete cabeças. Quando era no dia... Mostrar assim que a gente conseguiu fazer isso... Era tão bom quando a gente chegava no dia e tava tudo prontinho, tudo feitinho, era muito bom. (LORENA, 2010).

Em outra roda, a radioescola foi definida como atividade com potencial de extrapolar o espaço da escola em direção às comunidades, bem como em uma dimensão que destaca o trabalho coletivo. Também foi concebida em relação ao conhecimento, devido ao processo de pesquisa demandado pelas produções. Dessa forma, para Pedro e Miguel, a potencialidade da radioescola está em favorecer a circulação de informações e saberes relacionados principalmente a dois espaços sociais, a comunidade e a escola. A dimensão local, portanto, é destacada. Além disso, para os dois estudantes, a rádio os coloca em uma condição de colaboradores nos âmbitos da escola, das famílias e da comunidade. A perspectiva da participação pode ser destacada nos discursos dos jovens. Assim, de acordo com Pedro e Miguel, quando se fala em radioescola:

– O que vem na minha cabeça é um grupo de pessoas unidas, que fazem programa de rádio aqui na escola ajudando tanto na comunidade quanto nas informações da escola que vão ser divulgadas ao público daqui, por exemplo, aos alunos.

– Informação. Porque você conhece, você vai pesquisar. O que vale é o conhecimento, aí você pode ajudar na comunidade, na escola, na sua casa. (PEDRO; MIGUEL, 2010).

Em uma das rodas de conversa, percebemos uma abordagem com ênfase pedagógica, assumida pela estudante Mariana, que apenas considera a dimensão do ensinar para quem a escuta. Ela diz que radioescola é “[...] educar de uma forma diferente, educar fora da sala de aula [...] Na rádio, a gente se torna professor, a gente ensina para os nossos ouvintes, para os nossos colegas de um modo diferente.” (MARIANA, 2010).

Porém, na mesma roda, outras concepções sobre a rádio são colocadas, de modo a considerar também a expressividade e um processo de mão dupla que envolve aprender e ensinar. Além disso, um sentimento de felicidade em estar na rádio é colocado pela primeira vez nos relatos. A partir deles, podemos perceber a radioescola como prática que potencializa a experiência no



sentido conceituado por Bondía (2002), algo que nos passa, algo que nos toca. É o que podemos acompanhar no seguinte diálogo entre Rafael e Joaquina:

– [A rádio proporcionou] a maneira de eu me expressar mais. Antes eu era todo reprimido, não me expressava.

– Você se expressava brigando, xingando todo mundo, não respeitava ninguém.

– Pois é... Agora eu me expresso melhor. Para mim diminuiu o estresse, porque eu já acordava estressado. [...] Eu não tenho paciência para nada, eu tenho raiva de tudo. Depois que eu entrei na rádio... a rádio me acalmou mais. [...] Para mim a rádio é se expressar, aprender e ensinar também, né? Na rádio, eu fico mais feliz, eu fico à vontade. Eu não fico com raiva quando estou na rádio, eu me sinto à vontade. (RAFAEL; JOAQUINA, 2010).

5. Considerações finais

O artigo acompanhou práticas e experiências de estudantes em processos de produção e circulação de conteúdos de radioescolas em quatro instituições de ensino público municipal de Fortaleza. Os dados apresentados com base na pesquisa empírica, articulados com estudos teóricos que abordam a relação educação e comunicação, confirmaram a importância da ênfase na escuta das percepções dos jovens sobre os processos vivenciados, ainda mais quando projetos e ações de instituições são voltados para eles.

A pesquisa partiu da compreensão de que os processos comunicacionais são formados por sujeitos interlocutores em meio à complexidade de discursos, contextos sociais e culturais. Tais processos são marcados ainda por negociações e conflitos. Essa perspectiva teórica traz repercussões quanto à opção metodológica. Assim, optamos pela pesquisa participante e pela realização de rodas de conversa como forma de obter os relatos dos estudantes.

Ao percorrermos esse caminho, acompanhamos que práticas oficiais e não oficiais de comunicação exercem diferentes dimensões educativas, desde compreensões mais formais que consistiam na figura do locutor como emissor



ou como aquele que ensina até perspectivas que pensam a educação a partir das experiências e práticas cotidianas.

Percebemos que a técnica das rodas de conversa, pensada juntamente com atividades que estimulassem a participação e o ânimo dos estudantes, possibilitou o desvelar de relatos extremamente relevantes para avaliações das práticas propostas. Com delicadeza, os jovens expuseram tanto pontos que consideraram favoráveis como críticas aos processos de produção. Acreditamos que a escuta exclusivamente de grupos de estudantes favoreceu tal aspecto dos relatos e a valorização dessas falas.

Por fim, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, visualizamos caminhos que podem ser tomados em investigações futuras, como por exemplo, indagar junto aos estudantes a respeito de processos de produção midiática não mediados por instituições (ONGs e Secretaria de Educação) ou projetos. Isso possibilitaria descobrir peculiaridades dos movimentos desses jovens.

Outra possibilidade de pesquisa seria a ênfase nas mediações dos professores em processos como os da radioescola. Por que intervêm de determinada forma? O que esperam? Ou, mesmo, por que se afastam da rádio? Também pesquisas voltadas especificamente para o potencial da metodologia proposta pela Secretaria Municipal de Educação de abordagem dos temas transversais a partir do rádio poderiam ser elaboradas. Dessa forma, qual o potencial educativo de tal metodologia?

Diante de tais possibilidades de pesquisas, constatamos mais uma vez a complexidade dos processos analisados. Neles, descobrimos o cuidado com os equipamentos, mesmo diante de seu não funcionamento, por parte dos estudantes que iam limpar a rádio; a apreensão diante da saída da escola, entre outros fatores, por conta também da rádio; o ânimo ao perceber na radioescola possibilidades de mudanças. Essas narrativas, entre outras, nos apontaram a radioescola como exploração de algo desconhecido, novo, portanto, como experiência. Mesmo que análises posteriores identifiquem que esses processos configuram-se como transitórios, os grupos exercitaram a difícil questão do equilíbrio entre projetos individuais e interesses em comum, por isso comprometeram-se e compartilharam.



Notas:

- 1 A ONG Catavento está sediada em Fortaleza e atua desde 1995. Em seu sítio na internet, pode-se ler que seus projetos buscam “[...] sensibilizar os profissionais para a dimensão educativa dos processos comunicacionais e a dimensão comunicativa dos processos educativos.” Disponível em: <<http://www.catavento.org.br/conteudo.php?codigo=1>>. Acesso em: 20 abr. 2012.
- 2 Disponível em: <www.seguraessaonda.org.br>. Acesso em: 8 ago. 2010.
- 3 Os equipamentos que estruturam as radioescolas são mesa de áudio, microfones, amplificadores. Além disso, cornetas (auto-falantes) e caixas de som são instaladas em diversas áreas das escolas (corredores, pátios, quadras etc.).
- 4 Os PCNs definem seis temas a serem abordados em sala de aula entre estudantes de 6^o e 9^o séries: ética, saúde, meio ambiente, pluralidade cultural, orientação sexual, trabalho e consumo. O documento explica que esses temas envolvem questões sociais e presentes no cotidiano dos estudantes que precisam ser debatidas criticamente, como forma de concretizar uma educação para a cidadania. A proposta é que professores das disciplinas de matemática, língua portuguesa, história, geografia, ciências naturais, arte, física e língua estrangeira incluam os temas transversais nas aulas. (MEC/SEF, 1998).
- 5 Anotações de diário de campo. O relato da professora foi colhido ainda em fase de pesquisa exploratória, durante acompanhamento de gravação do programa Antenados, cujo tema era a exploração do trabalho infantil, na sede da ONG Catavento, no segundo semestre de 2009.
- 6 Anotações de diário de campo em fase de pesquisa exploratória. O relato da menina que discutia com a mãe foi dado em acompanhamento de reunião de pauta do programa Antenados na sede da escola no segundo semestre de 2009. O segundo relato foi dado em momentos de gravação do programa Antenados na sede da ONG Catavento, também no segundo semestre de 2009.
- 7 Para maiores detalhes do percurso metodológico utilizado na pesquisa, ver Barbalho (2012) e Campos (2012). Para acessar a pesquisa na sua totalidade ver Campos (2011).
- 8 O “Mais Educação” é um programa do Governo Federal que teve início em 2008 e consiste em oferecer às escolas atividades como acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, cultura e artes, cultura digital, promoção da saúde, educomunicação, educação científica e educação econômica. Com exceção do acompanhamento pedagógico, no qual as escolas devem escolher, pelo menos, uma atividade, as demais são optativas. De acordo com o sítio na internet do Ministério da Educação, em 2008, do total de 1.380 escolas que aderiram ao “Mais Educação”, 428 optaram pelo rádio escolar, o que fez com que a atividade liderasse entre as opções feitas pelas escolas. Ainda conforme o sítio, em 2010, aderiram ao programa 10.026 instituições escolares, das quais um total de 3.911 escolas optou por atividades em “comunicação e uso de mídias”, onde a rádio escolar é a opção mais escolhida: 2.218. Desse total, 245 escolas são do Ceará e em Fortaleza, 104 optaram por rádio escolar. Disponíveis em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&id=12372&option=com_content&view=article>. Acesso em: 21 fev. 2011; <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=14766:diretores-de-escolas-enfrentam-desafios-da-segunda-jornada&catid=202>; <<http://painel.mec.gov.br/painel/detalhamentoIndicador/detalhes/pais/acaid/5>>. Acesso em: 23 fev. 2011.



9 Os roteiros citados estão Disponíveis em: <<http://www.seguraessaonda.org.br/antenados.php>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

Referências

ALVES, Patrícia Horta; MACHADO, Eliany Salvatierra. EducomRádio.Centro-Oeste, uma política pública, rumo à autonomia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – Intercom, 29., 2006, Distrito Federal. **Anais...** Distrito Federal: Intercom, 2006. p. 1-11.

ANA LUÍSA; GABRIEL. **Entrevista**. Fortaleza, 8 out. 2010.

BARBALHO, Alexandre; CAMPOS, Tarciana. Juventude, Radioescola e Cidadania: apontamentos teórico-metodológicos. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 27, n. 2, jul./dez. 2012.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução: João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMPOS, Tarciana. **Entre letras e músicas**: experiências juvenis em radioescolas de Fortaleza. 2011. 195 f. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

CAMBA, Salete Valesan. **ONGs e escolas públicas**: uma relação em construção. 2004. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2009.

DAGNINO, Evelina. Os movimentos sociais e a construção da democracia no Brasil: Tendências recentes. **Journal of Iberian and Latin America studies**, Canberra, v. 1, n. 7, p. 75-104, July. 2001.

GIARD, Luce. História de uma pesquisa. In: CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2009.



LIA. **Entrevista**. Fortaleza, 1 out. 2010.

LORENA. **Entrevista**. Fortaleza, 15 out. 2010.

MARIANA. **Entrevista**. Fortaleza, 29 out. 2011.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **La educación desde la comunicación**. Buenos Aires: Norma, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa Mais Educação**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&id=12372&option=com_content&view=article>. Acesso em: 21 fev. 2011; <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=14766:diretores-de-escolas-enfrentam-desafios-da-segunda-jornada&catid=202>; <<http://painel.mec.gov.br/painel/detalhamentoIndicador/detalhes/pais/acaid/5>>. Acesso em: 23 fev. 2011.

MIRANDA, Luciana; SAMPAIO, Inês Silva Vitorino; LIMA, Tiago. Fazendo mídia, pensando educação: reverberações no mesmo canal. **Comunicação & Sociedade**, São Paulo, v. 30, n. 51, p. 89-112, jul. 2009. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/855/906>>. Acesso em: 6 mar. 2011.

NUNES, Márcia Vidal. Rádios comunitárias: Exercício da cidadania na estruturação dos movimentos sociais. In: PAIVA, Raquel (Org.). **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

ONG CATAVENTO. **Quem somos**. Disponível em: <<http://www.catavento.org.br/conteudo.php?codigo=1>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

_____. **Projeto Segura essa Onda – Quem somos**. Disponível em: <www.seguraessaonda.org.br>. Acesso em: 8 ago. 2010.

_____. **Projeto Segura essa Onda – Roteiros dos Programas Antenados**. Disponível em: <<http://www.seguraessaonda.org.br/antenados.php>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

PATRÍCIO, Marilac. **Letramento no campo**: o rádio educativo em um assentamento da reforma agrária no Ceará. 2010. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

PEDRO; MIGUEL. **Entrevista**. Fortaleza, 22 out. 2010.

PERUZZO, Cicilia. Rádio comunitária, educomunicação e desenvolvimento. In: PAIVA, Raquel (Org.). **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.



RAFAEL; JOAQUINA. **Entrevista**. 29 out. 2010.

SOARES, Ismael. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 7, n. 19, p. 12-24, set./dez. 2000.

Prof. Dr. Alexandre Almeida Barbalho
Universidade Estadual do Ceará
Centro de Estudos Sociais Aplicados
Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas
Universidade Federal do Ceará
Instituto de Cultura e Arte
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social
Grupos de Pesquisa | Políticas de Cultura e de Comunicação |
Universidade Estadual do Ceará
Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Adolescência e Mídia |
Universidade Federal do Ceará
Email | alexandrealmeidabarbalho@gmail.com

Ms. Tarciana de Queiroz Mendes Campos
Lotada na Rádio FM da Assembleia Legislativa do Ceará
Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Adolescência e Mídia |
Universidade Federal do Ceará
Email | tarcianacampos@hotmail.com

Recebido 22 maio 2012

Aceito 04 dez. 2012